2.ª SERIE. TOMO V.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 1. QUINTA FEIRA, 15 DE JULHO DE 1852. 12. ANNO.

A REVISTA entra hoje no decimo segundo anno da sua publicação.

A simples exposição deste facto parece-nos um prologo honroso, que prova a rigorosa observancia do que se tem promettido. Garantindo-lhe o futuro egual ao passado, julgamos ter direito a ser acreditados.

Dos onze volumes publicados são cinco da nossa redacção. O favor publico que nos tem permittido continuar neste honroso posto, aqui o agradecemos com o mais sincero reconhecimento. O credito que a illustrada collaboração da REVISTA lhe tem sustentado, impõe-nos deveres que faremos por cumprir.

Um facto accresce que mais nos faz insistir no empenho de manter a REVISTA na situação em que tem sempre estado. Em todo o imperio do Brasil se manifesta um vivo interesse por este jornal: os onze annos de continuada duração da REVISTA são fiadores seguros de que não haverá quebra na regular publicação do jornal, e justificam a confiança e credito que a REVISTA ganhou nesse imperio. Possuimos deste facto provas que muito presamos e que exigem a nossa attenção especial na redacção dos futuros volumes da REVISTA.

É dever que nos honra o declarar a pertenção que temos de que este jornal seja um symbolo da fraternidade, que para bem da independencia de um imperio e da independencia de um reino, deve existir entre o Brasil e Portugal. Não ha no mundo outros dois povos que devam e possam ser mais interessados na prosperidade reciproca. Os meios de engrandecimento de um aproveitam a outro: as duas civilisações desenvolvem-se na mesma lingua, e podem ser promovidas por modo identico. Na continuação da REVISTA estas considerações serão sempre presentes ao nosso pensamento.

Com esta unica modificação, que mais amplia o plano da REVISTA, as suas bases fundamentaes são as que já temos apresentado ao publico, escrevendo os prologos dos antecedentes volumes. Não temos portanto a expor novos principios, e limitarnos-hemos a consignar com prazer o facto de que as doutrinas sustentadas pela REVISTA, no espaço de onze annos, tem successivamente alargado o seu dominio em virtude da força invencivel das idéas, e da inalteravel deducção dos factos de que depende a verdadeira civilisação.

E apesar de que as parcialidades politicas, nas suas luctas infaustas, tem afastado grandes e bellos talentos do santo empenho de civilisar esta nossa terra; — apesar de que a inercia nos tem dissipado muitos valores, no seu viver impotente, e de que as revoluções nos tragaram na sua voragem somma de capital mui superior ao que seria preciso para lançar sobre o reino uma rede de faceis communicações — a productividade da terra tem augmentado, e as faculdades do trabalho tem-se desenvolvido em grande escala.

A civilisação moderna já teve tempo para traçar a divisão que separa os verdadeiros dos falsos principios.

As luctas em que o talento se arrasta pelo pó do circo — o pugilato em que figura a ambição e cynismo — o desbarate do tempo e dos valores em formulas dramaticas, tudo são casos julgados ante o grande e insuspeito jury da consciencia publica.

A regra do governo dos verdadeiros interesses

do paiz está longe dos escolhos em que tem naufragado muitos dos nossos governos.

O logar donde parte o impulso de cada uma das forças civilisadoras está marcado no ponto em que existia um erro, ou um absurdo.

A missão da imprensa não politica é reunir em um campo commum todas as intelligencias que se combatem nos dominios da politica, para empregar todas essas forças civilisadoras no fomento e ampliação dos interesses moraes e physicos da sociedade. Se em Portugal esta missão não fôr uma realidade, em quanto os outros povos voam no caminho da civilisação, nós apenas estaremos nas andadeiras da infancia.

Dizem que somos novos para a civilisação — que ainda ha pouco o estrondo das armas se ouvia em volta do berço da monarchia. Seja assim.

¿Mas deixaremos o infante no berço até que a força dos musculos vagarosamente se desenvolva e o faça suster em pé? A comparação parece-nos exacta. Se o esforço do homem, se as suas faculdades se retardam entregue a si sem auxilio, nem recurso estranho, tambem a força das nações e a sua civilisação carecem do auxilio da intelligencia e dos esforços do trabalho.

É um grave erro governativo — é um crime nacional o crusar os braços esperando pelo futuro.

O plano da REVISTA, como é sabido, consiste em acreditar no futuro prospero e glorioso, mas em o aproximar por meio dos melhoramentos na agricultura, na industria fabril, e no commercio.

Longe do campo dos partidos continuaremos a observar religiosamente os preceitos desta doutrina.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

---

# SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

## O CALENDARIO

### IV

*Dos annos.* — Os etymologistas geralmente reputam as palavras *annus* (anno) e *annulus* (anel) como derivadas de origem commum. Póde ver-se em Macrobio *annus* traduzida por « circulo de tempo. »

Julga-se que os egypcios fizeram primitivamente uso de um anno de 360 dias repartido em 12 mezes de 30 dias. E até na opinião de alguns eruditos, tal é a origem da divisão do circulo em 360 partes eguaes, 360 graus.

A historia de Rhéa e Saturno, relatada por Plutarcho, faz presumir que os cinco dias supplementares foram accrescentados por Mercurio Trismegisto aos 360 dias primitivos.

O anno egypcio, elevado a 365 dias, tinha o defeito capital do anno de 360, postoque em menor grau; diferir do tempo que o sol gasta na sua revolução completa. Este anno civil egypcio dava origem a graves inconvenientes, por não igualar em extensão o anno astronomico, que é de perto de 365 dias e um quarto. Para os mostrar, tomemos por exemplo o 21 de março, dia do equinoccio, em que por isso sente-se uma certa temperatura; no anno seguinte, sendo contado á moda dos egypcios, chegando a 21 de março, o sol ainda não estará no equador, será preciso mais um quarto de dia para tocar neste plano. Quando depois de outro periodo annual vier novamente o 21 de março, o sol ainda estará mais distante do plano do equador, e será preciso meio dia para que o alcance.

Finalmente, passadas quatro revoluções annuaes, o sol, em vez de estar no equador a 21 de março, como em a origem do periodo, só lá chegará no dia 22; será, pois, o 22 de março o que ha de gosar da temperatura que se observara no começo em o dia 21. Decorridas outras quatro revoluções annuaes, o sol sómente alcançará o equador no dia 23, será por tanto, nesse dia 23 que se ha de encontrar a temperatura observada primeiro no dia 21.

Em cada periodo de quatro annos, o equinoccio se retardará um dia, de sorte que a temperatura originaria de 21 de março terá logar successivamente em abril, maio, junho etc. Todos os dias do anno virão, quanto á temperatura, tomar o logar do 21 de março; todos os mezes do anno se entranharão, successivamente e retrogradando, pelo inverno.

No estado actual de coisas, goza-se em nossos climas de uma temperatura moderada em abril, os mezes de julho e agosto são quentes, os mezes de dezembro e janeiro são frios. No systema que examinamos, o mesmo mez seria successivamente temperado, quente e frio. Os trabalhos da agricultura referem-se aos diversos mezes, não por causa de seus nomes, mas em rasão de suas temperaturas. No systema do anno egypcio não se poderia dizer: — a ceifa se faz em tal mez, a vindima em tal — pois que todos os mezes, dentro de certo periodo, corresponderiam á tem-

peratura favoravel á ceifa, á temperatura em que se deveria effectuar a vindima etc.

Este inconveniente dá na vista de todos; mas, ha outros que não são menos evidentes. Supponde, por exemplo, que um historiador refere ter-se dado uma batalha no mez de janeiro; pelo systema do calendario actual sabe-se que o acontecimento succedeu no inverno, pelo systema dos egypcios seria preciso um calculo para decidir em qual das estações foi dada a batalha, visto que o mez de janeiro corresponde successivamente a todas ellas.

Pergunta-se em que periodo de annos egypcios (que mui justamente foram chamados *annos vagos)* corresponderam todos os mezes a todas as estações? — É evidente que para obter o resultado ha de multiplicar-se por 4 a duração do anno egypcio, isto é 365 dias, o que dá um periodo de 1460 annos vagos. Este periodo, em o qual todos os dias do anno gozaram da mesma temperatura, era denominado pelos antigos *periodo sothiaco.*

Invocaram-se motivos supersticiosos a favor do anno egypcio, dizendo que, visto celebrarem-se as festas civis e religiosas em dias determinados do anno, essas festas passado certo tempo (1460 annos) teriam correspondido a todas as estações e assim te-las-iam sanctificado. Ocioso é combater a puerilidade de considerações desta natureza.

O anno grego foi primeiro de 354 dias, posteriormente elevaram-no a 360; depois com o auxilio dos mezes intercalares, veio a ser de 365 dias.

Como os mezes lunares foram os primeiros que serviram na divisão do tempo, as festas de instituição antiga celebravam-se em epochas que estavam em relação com o curso da lua; porém, as estações não tem relação senão com o curso do sol. Para que as festas cahissem nas mesmas phases da lua e quasi nas mesmas estações, foi mister procurar relações simples que permittissem coordenar as duas maneiras de dividir o tempo.

Alem disso, pertendia-se que um oraculo prescrevera aos gregos celebrar certas festas nos mesmos dias do anno e nas mesmas phases da lua. Era difficil regular com antecedencia os dias em que devia ter logar essa celebração, até que Meton descobriu o cyclo, que tem o seu nome, e que elle fez conhecido por occasião dos jogos olympicos, no anno 433 dos chronologos antes da nossa era.



Meton observou que 19 annos continham 235 lunações; decorridos 19 annos as mesmas phases da lua repetiam-se nos mesmos dias, nos dias da mesma denominação; de modo que ao cabo deste lapso de tempo vinham a celebrar-se as festas nas mesmas datas. Conta-se que os gregos romperam em tal enthusiasmo ao annunciar-se este descobrimento que resolveram inscrevel-o com letras de oiro nos monumentos publicos. Dahi veio o nome de numero de oiro, *aureo numero*, dado a todos aquelles de que se compoem o cyclo de Meton.

Todavia, alguns eruditos duvidaram de que esse periodo fosse usado na Grecia na vida civil; talvez que os escriptores que exaggeraram a sua admiração neste ponto quizessem vindicar o sabio astronomo dos ignobeis sarcasmos dirigidos contra elle n'uma das comedias de Aristophanes.

Calippo ainda tornou mais exacto o computo do seu compatriota tomando 76 annos solares que formam 940 lunações.

---

## PESCARIA ARTIFICIAL.

Uma das coisas mui importantes de que Portugal pode tirar lucro, tornando ao mesmo tempo saudaveis os territorios proximos ás costas maritimas, purificando-as das exhalações mephiticas, que surgem dos paúes abandonados á natureza, é a creação de pesqueiros artificiaes. Estes constituem um dos rendimentos da santa sé romana; e fazem a felicidade dos habitantes de grande parte dos estados pontificios, promovendo tal ramo de industria um commercio activo, introduzindo no paiz abundante circulação de numerario. Do mesmo modo as provincias venezianas auferem desse ramo consideraveis sommas com o que prosperam aquelles povos, dando-se impulso á agricultura, que é a arte das artes; porquanto cria e sustenta os homens, e os tira do estado selvagem, gera costumes brandos e pacificos, e um complexo de causas que torna um paiz opulento e poderoso, creando uma riqueza que os acontecimentos politicos não podem destruir; porque as terras nunca perecem, e o capital nellas empregado não diminue, antes augmenta.

Offerecendo o littoral portuguez vasto campo para este systema de pescaria artificial, grandissimo bem resultaria da introducção dos pesqueiros para as costas maritimas e margens dos rios, e para as povoações com ellas limitrophes, que soffrem o flagello das doenças causadas pelos pantanos e paúes, que são os peiores visinhos para os viventes. E além disso, o paiz seria mais povoado, e se lucraria o ganho importante que os pesqueiros artificiaes deixam a seus donos, e se augmentariam os capitaes com a industria e a agricultura. Portanto, não

devemos admirar-nos se as provincias venezianas, apesar das suas desgraças derivadas de causas politicas, medram com o auxilio daquelle recurso.

Nos locaes pantanosos o peior tempo é o verão, que com a secca produz um foco de corrupção, onde as plantas aquaticas, os insectos e varios animaes morrem, apodrecem, e espalham ao longe os miasmas que levam o contagio e a morte. Porém, a industria do homem ahi mesmo opera uma saudavel mudança, e os charcos infectos se transformam em formosos lagos, com ilhas aprazíveis e habitações salubres, cercados de paredões feitos só de terra, que por cima formam bons e commodos caminhos, tornando faceis as communicações; ha, além disso, as necessarias construcções para a entrada e sahida e para a renovação das aguas, munidas de engenhos que obstem á evasão dos peixes, e de modo que os do mar possam entrar e ficar prisioneiros.

A população industriosa e cultivadora que tira proveito deste systema, beneficia ao mesmo tempo as terras visinhas, enxugando-as por meio de vallas e canaes que vão despejar as aguas aos reservatorios dos viveiros.

Não digo que se construam de subito pesqueiros artificiaes em ponto grande, mas será conveniente fazer a experiencia em pequena escala; porque, cumpre principalmente observar se os peixes, assim creados nestes logares de ensaio, vem a ser da boa qualidade que os tornam muito procurados nos districtos que deixamos mencionados, por exemplo, a costa veneziana onde se compram as doiradas, tainhas, mugens, e enguias, productos dos pesqueiros artificiaes, e que são estimadas pelo seu delicioso sabor, reputando-se peixe fino.

Os contratempos que damnificam os viveiros artificiaes e causam a morte de muitos peixes, são a ruptura das vallas, o frio, e o calor excessivos.

Depois de alguns estudos e experiencias em uma pescaria artificial que eu possuia no delta do Rio Pó, consegui introduzir um melhoramento, que tive a satisfação de ver acceito com gratidão por todos os possuidores de pesqueiros naquelle districto e ainda em outros pontos. Consiste na simples construcção de vallas em correspondencia com a rosa dos ventos, e em zig-zag; de sorte que quando o peixe sentia o vento norte retirava-se para as vallas que deitavam para o sul, por serem mais quentes: e este systema de vallas evita que as aguas accumulando-se com a força dos ventos causem rompimentos nas vallas. Deste modo pode assegurar-se abundancia de peixe gordo e gostoso, porque nas mesmas vallas acha maior porção de alimento.

Entre esses peixes a enguia é o que abunda e propaga mais; é susceptivel de acondicionamento com que se pode levar a remotos paizes, conservando-se perfeitamente. Logo que se pescam cortam-se em pedaços, e depois de preparadas, e mettidas em barris com vinagre e sal, exportam-se com o nome de enguia marinada. Adquirem um gosto tão agradavel que na maior parte dos estados europeus fazem dellas grande consumo. As enguias estão em proporção com os outros peixes como 8 para 4.

Pelo que toca á propagação dos mesmos peixes explicarei a seu tempo como se colhem as ovas nas praias maritimas, e quaes são os melhores sitios para esse effeito. Disse — a seu tempo — porque estou concluindo experiencias appropriadas a este clima; e por essa occasião exporei o modo de construir os pesqueiros artificiaes, segundo o desenho que appresentei na exposição agricola em Lisboa no corrente anno.

J. GAGLIARDI.

---

## DESCOBRIMENTOS SCIENTIFICOS DO SECULO 19.°

São tão assombrosos, tem tanta novidade e ao mesmo tempo tantas e tão uteis applicações, os descobrimentos feitos nas sciencias, e postos em pratica nas artes durante a primeira metade deste seculo, que não podemos dispensar-nos de resenhar os mais notaveis, comprehendendo em succinto quadro as noções essenciaes respectivas a esses inventos, valendo-nos para isso da exposição e historia que no anno passado deu á luz o sr. dr. Figuier, e tambem algumas vezes do exame critico da exposição universal de Londres, publicado por M. James Ward. Começaremos pela

### Galvanoplastica e a douradura chimica.

Da-se o nome de galvanoplastica a um conjuncto de meios que proporcionam precipitar sobre um objecto, por meio de uma corrente galvanica, um metal que está em dissolução n'um liquido, de modo que forme na superficie do mesmo objecto uma copa ou camada contínua, que represente exactamente o original com todas as suas dimensões, e as suas curvaturas.

Pelas operações galvanoplasticas reproduzem-se as medalhas, as moedas, os sêllos, os sinetes, os cunhos, os baixos-relevos, as estatuas. As obras primas da esculptura, reproduzidas com pequena despeza, podem por este modo ser populares, multiplicar-se indefinidamente, arrostar as injurias do tempo e os insultos dos homens; por este lado a galvanoplastica serve á esculptura como a typographia ás ideias; e demais disso a galvanoplastica está no caso de introduzir importantes aperfeiçoamentos na arte da imprensa, já tão aperfeiçoada: fornece o meio de fabricar moldes para a fundição dos typos, e até mesmo destes caracteres de impressão; permitte tambem multiplicar as chapas de cobre gravadas pelo artista, e ainda mais, gravar directamente por meio da corrente electrica uma chapa propria para se extrahirem provas em papel.

Em diversa esphera auxilia as primeiras precisões da vida, ensinando-nos a cobrir, mediante processos simplices e pouco dispendiosos, os nossos utensilios caseiros com uma camada protectora e de metal inalteravel, como o ouro, a platina, a prata.

Finalmente, prestando-se a todos os caprichos da arte, dá-nos meios de reproduzir em cobre moldes de toda a casta de objectos naturaes, como fructos, vegetaes, partes organicas de animaes ou plantas.

A galvanoplastica é, effectivamente, de todas as invenções nossas contemporaneas a que prepara no futuro os resultados mais singulares e pasmosos. Em tempo mais ou menos proximo ameaça de graves alterações as formas e os processos actuaes da industria. Mediante a galvanoplastica, a pilha voltaica baixando do laboratorio do sabio veio tomar assento na officina do artifice, e as experiencias scientificas acharam campo nas operações das artes. As funcções da pilha como agente industrial são evidentemente destinadas a ganhar cedo ou tarde importancia infinitamente mais consideravel; nem pode estar remoto o momento em que as correntes electricas e o tratamento pelos reagentes substituirão nos estabelecimentos industriaes as grandes operações em que se emprega o fogo. Então as officinas metallurgicas appresentarão um espectaculo novo. Em vez das fornalhas immensas que levantam continuamente aos ares turbilhões inflammados, um instrumento quasi informe, composto da aggregação de alguns metaes de pouca valia, effectuará as mesmas operações sem despesa, sem bulha, sem apparato visivel. Em vez desses exercitos de operarios que se agitam noite e dia n'um foco ardente, consumidos pelo calor, denegridos pelo fumo, entregues aos trabalhos mais violentos, ver-se-ha, n'uma serie de bellos laboratorios, uma legião de tranquillos operadores applicarem-se a menear em silencio os aparelhos d'electricidade, e submetter o mineral e os metaes ao jogo variado das affinidades chimicas.

Este pensamento parecerá a muitos repassado de singular exaggeração, para não dizer outra coisa; mas, é porque a galvanoplastica ainda está quasi desconhecida na maior parte dos paizes; porquanto, ao passo que na Alemanha e na Inglaterra a industria felizmente se fez senhora de operações tão delicadas, em França são consideradas ainda como especie de brinco e só servem de diversão a alguns curiosos das sciencias; e n'outras regiões são de todo ignoradas. Para que se apreciem, pois, conveniente é dar a conhecer os processos da galvanoplastica, o estado desta arte nova, e as applicações a que se tem dedicado; e então pelos resultados já obtidos se comprehenderá quanto o futuro pode esperar desta nova e esplendida applicação dos descobrimentos contemporaneos. N'uma indicamos alguns resultados mais praticos, que depois desenvolveremos.

Passemos agora á sua historia. — A metallurgia electro-chimica teve o singular destino de ser descuberta ao mesmo tempo por dois physicos residentes em duas extremidades da Europa e que não tinham conhecimento algum de seus respectivos trabalhos. No anno de 1837, Thomaz Spencer em Inglaterra e o professor Jacobi na Russia, descobriram, cada um por sua parte, os principios essenciaes da metallurgia electro-chimica e realisaram as suas mais delicadas operações.



O sabio Volta apenas tinha completado, no começo do nosso seculo, o descobrimento da pilha electrica, observou uma das suas propriedades mais notaveis, isto é, a decomposição chimica das substancias submettidas á acção deste apparelho. Aquelle insigne physico, no anno de 1801, verificou que a dissolução de um sal metallico, submettida á influencia da pilha se acha logo reduzida em seus elementos, de tal sorte que o metal vem depositar-se no polo negativo. Este grande phenomeno veio a ser posteriormente o objecto de consideravel numero de estudos e de investigações theoricas que deviam dilatar amplamente o campo das experiencias no dominio da electricidade. Mas, a principio, nada indicava que a reducção dos metaes pelo fluido electrico podesse vir a ser susceptivel de algumas applicações nas artes. Com effeito, a substancia que se depositava nos fios da pilha não tinha nenhum dos caracteres physicos que distinguem os metaes; era um pó negro ou pardo, sem cohesão, sem continuidade, desprovido de brilho, e n'uma palavra privado de todo o caracter metallico. So muito depois se descobriu que, em certas circumstancias, os metaes formados pelo meio galvanico podem appresentar o brilho, a cohesão, a continuidade, e todos os caracteres proprios dos metaes obtidos pela fusão. Bastava esta observação para dar nascimento á electro-metallurgia.

O facto essencial em que se basea a galvanoplastica somente no anno de 1837 foi marcado de um modo bem positivo: é verdade que, antes dessa epocha, alguns chimicos tiveram occasião de observal-o; mas reconhecido de um modo accidental e no decurso de investigações de outra ordem, e por outra parte, sendo estudado imperfeitamente e ignorado dos demais sabios, não tardou que ficasse em esquecimento.

Brugnatelli, discipulo e collaborador de Volta, em 1801 chegára a dourar a prata por meio da pilha conservando ao ouro o seu brilho metallico; mas, o resultado que obteve, considerado sob o aspecto scientifico, não tinha valor attendivel; e so a importancia adquirida em nossos dias pela galvanoplastica podia encaminhar a descobrir-se no pó das experiencias e recollecções scientificas da Italia os vestigios daquella tentativa esquecida.

(*Continúa.*)

## CADEA DE ALPEDRINHA.

### Seu estado.

> « Não podemos convir com Moreau — Christophe, que estabelece, que *tudo o que se póde, tudo o que se deve exigir de um carcere, é que não mate*; nós queremos não só que não mate, mas que sare, ou pelo menos, que prepare o restabelecimento da saude fysica e moral. »
>
> MONLAU — *Elementos de Hygiene Publica.*

Continua, e contigua aos paços do concelho, fica, na praça principal da villa, a cadêa de Alpedrinha. É toda construida de cantaria, e representa um parallelogramo — rectangulo, cujos lados maiores teem de comprimento trinta e seis palmos, os menores vinte e oito.

Consta de dois andares, divididos cada um em dois quartos; no primeiro residem os presos, no segundo o carcereiro com sua familia; a enxovia tem igual divisão, correspondendo os dois quartos de cima aos de baixo, e communicando-se uns com outros por alçapões e escadas de mão. Para cada quarto entra a luz por uma janella, guarnecida de duas ordens de grades de ferro.

Acham-se estas casas completamente encravadas na terra, correndo pela parte posterior do edificio uma rua quasi ao nivel do telhado; o terreno, a que estão encostadas, é humedecido pela agua, que reçuma do aqueducto da Fonte do Leão. Pela enxovia passa, de mais a mais, uma torrente perenne.

Já se vê que devem ser, e com effeito são frigidissimas, e sobremaneira humidas estas tristes habitações do crime (e da innocencia tambem algumas vezes), e pela estreiteza das janellas, e disposição das grades, pouco arejadas, e ainda menos esclarecidas, não havendo vestigios de que em tempo algum fossem caiadas as suas paredes, e distando parte do edificio apenas quatro varas de um predio, que o assombra.

Como uma especie de lazareto provisorio, uma especie de hospital de sangue, um mero logar de detenção, pertendem os medicos hygienistas se considerem as cadêas; mas á de Alpedrinha nenhuma destas qualificações póde infelizmente applicar-se.

Aqui não se recupera a saude physica. se os miseros presos a trazem perdida; e perdem-na, se a logram boa quando entram; não se curam as molestias, aggravam-se.

Em verdade os infelizes, que por algum tempo habitam estes carceres insalubres, arrastam uma existencia miseravel; opprimem-nos as enfermidades proprias de tão ruim morada.

Da saude moral não ha fallar; convivem na mesma casa todas as classes de presos. Confunde-se o assasino aleivoso com o simples transgressor de uma ordem policial, o salteador por officio com o aventureiro, que vendeu sabão hespanhol; os innocentes, os menos culpados serão pervertidos pelos mais criminosos. Mostra-o a experiencia, e as Sagradas Lettras o confirmam (*Cum perverso perverteris*. Psalmo XVII, vers. 27).

Se é porém digna de lastima a situação dos presos neste recinto mortifero. não póde deixar de affligir o coração, ainda o mais ferrenho, a negligencia criminosa, com que são tractados os indigentes.

Não teem uma enxerga, em que repousem o corpo, um cobertor, que os agazalhe, um escabello, em que se sentem; não teem lume, não teem luz, não teem agua; se não morrem *todos* á pura mingua, é porque lhes acode a caridade particular, que a publica não se lembra delles, não os conhece, ou, se os conhece, despreza-os absolutamente. [1]

Reconhecemos a difficuldade de remediar alguns dos males, que ponderámos; para alliviar porém a mesquinha sorte dos presos indigentes não fallecem os meios.

Ás camaras municipaes, e administradores do concelho commettem, ao presente, nossas leis o melhoramento das cadêas, e o sustento dos presos; cumpram estas auctoridades com os seus deveres.

Pedimol-o em nome da humanidade, e, se isto não basta, em nome da justiça.

R. DE GUSMÃO.

---

# PARTE LITTERARIA.

## A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

### ROMANCE.

#### Capitulo XXIX.

CONFIDENCIAS.

O abbade e o commendador, nos braços um do outro, deploraram muito tempo o sacrilegio de Filippe; depois sentados e attenciosos discorreram sobre a arte culinaria ou a antiguidade, e excellencias da meza, dos ornatos e primor dos aparadores, como verdadeiros contemporaneos de Lucullo, ou como intimos amigos de Horacio: finalmente, uma transicção do erudito, chamou a discussão ao terreno das apreciações litterarias, e não tardaram os textos e as divergencias, seguidas do costumado azedume. Felizmente o auctor da carta a Lucio Floro lembrou-se de que necessitava mudar de trajos e despediu-se. Lourenço Telles permittiu a retirada, e recolheu-se tambem ao seu quarto para se applicar aos artificios do laborioso toucador de um velho menino.

Em quanto os dois antiquarios renhiam sobre o merito relativo dos seus auctores predilectos, a

[1] Já houve exemplo de fim tão desgraçado. Maria Joanna, desta villa, presa por se ter encontrado a lavar roupa com sabão hespanhol, appareceu morta na enxovia; procedemos á autopsia, por ordem da auctoridade judicial; reconhecemos que succumbira victima dos horrores da fome.

irmã de Thereza entrou no quarto da sua amiga D. Catharina de Athaide, trazendo na bocca o sorriso mais jovial e animado. A noviça ao espelho, ouvindo arrastar a porta, virou de repente a cabeça. D'ahi a um instante as caricias avivavam as rosas das suas faces, e o carmim dos labios accendia-se aos beijos de Cecilia.

As duas meninas assentaram-se uma ao pé da outra; e o rosto serio de Catharina, e a attractiva mobilidade da sua amiga, reflectiam no vidro indiscreto as imagens caprichosas.

— « Ficam-te bem as rosas, meu amor! » dizia a educanda enastrando as bellas tranças da noiva do conde de Aveiras entre os dedos afilados.

— « Quero prender estes anneis em cadêas de aljofar... a vêr se ainda fogem! Sabes que eu sendo rapaz adorava-te a ponto de perder a alma? Estes olhos!... O que vejo nelles, e o que me dizem! Mas devéras; porque estás tão séria! Tens algum desgosto? »

— « Eu? Não, minha joia. Scismava... Quanto mais proxima está a hora, mais o coração se me cobre. Não sei o que é! Amo-o, e tremo! Desejo, e apesar disso tenho receios ainda... Nem a mim propria me intendo. »

— « Sustos de noiva, querida... e depois algum capricho! Deixas-me pôr estes teus laços á franceza? Dizem muito bem ás louras. Catharina, tomara os teus cuidados... »

— « Não falles, menina!... Devia agradecer a Deus e contar os instantes; e quero alegrar-me com o jubilo de meu esposo e de meu pae... e a minha vontade é só chorar! Cecilia, não percebo; entristece-se-me a alma. Se o amasse menos, se o não conhecesse tanto, dizia que tinha medo. Vê a loucura!... Chego a ter saudades do convento... »

— « Oh, isso... parece muito demais... » acudiu a educanda, rindo e pondo-se de lado para verificar no espelho o effeito do toucado. « Qualquer coisa te faz bonita como um anjo. Queres que diga? Se fosse noiva, moça e galante como tu, pensava n'outra coisa. Não adivinhas? »

— « Não. »

— « Estudava o modo de chegar ao fim do anno com a ternura do primeiro dia. »

— Ah' »

— « Incredula! De que te ris? Cuidas que não será bem doce sentirmos bater o coração com alegria e sempre namorado? Se me dessem a escolher qual queria, um throno, ou o amor... »

— « Sei o que preferias!... » acudiu Catharina rindo-se.

— « Preferia o amor, querida! — replicou a educanda. « A minha escolha era a ternura, a felicidade, não duvides! E não me enganava. Vês! Quando se ama não se envelhece; a vida risonha de esperanças torna-se tão curta! Até as mesmas lagrimas não amargam. »

« O quadro é bonito; somente pergunto: será elle verdadeiro? O que se quer acredita-se tão depressa! » Observou Catharina com melancolia.

— « Desconfiada! » interrompeu a sua amiga, unindo a bocca á della e enchendo-a de meiguices. — O seu gosto é contradizer-me. Olha; não sou assim; tenho fé. Se me enganassem... meu Deus! Antes uma dôr unica, e breve, a dôr da morte! Ha de ser tão custoso obrigar o coração a aborrecer, depois de amar! Estar no mundo só para chorar... Quando ponho isto na idêa, Catharina, conheço que posso enlouquecer... Fallemos de outra coisa. Não achas Thereza tão mudada?

— « E dá-me cuidado. Vi-a hontem branca de jaspe; assustou-me. Aquellas rosetas vivas nas faces; a sombra pisada dos olhos... Cecilia, tua irmã padece. »

— « E sabes o que eu desconfio da sua molestia? »

— « Dize! »

— « Tenho medo que seja amor. »

— « Julgas? »

— « Receio. Se lhe fallo de Jeronymo e lhe digo que se anime e o desengane, desata a chorar, e fecha-se um dia. »

— « Menina, é preciso valer-lhe. Este casamento não deve ser. É quasi deixal-a matar-se por suas mãos... »

— « Então?!... Convence-a tu!

— « O que vou dizer-te, Catharina, é quasi uma certeza... »

— « Uma certeza? »

— « Sim, Theresinha disse-nos só a metade do segredo. Ás vezes esquece-se e os seus olhos fallam tanto, e sobem-lhe á cara umas cores tão vivas! Aquillo, acredita, chama-se paixão. »

— « Mas por quem? Não advinhaste? »

— « Sabes como ella é callada. Desde pequena o seu costume foi sempre soffrer e não se queixar. Não entendo senão que chora, e que as lagrimas... »

— « Nem sempre são de amor. Se é só isso, querida, desconfias mal, parece! »

— « Tu é que te enganas. Oh, os signaes que digo não mentem! Explicar-me-has porque, logo ao amanhecer, a luz do dia a encontra no jar-

dim, sosinha, escondendo-se entre as arvores, maguada e pensativa?.. »

— « Ás vezes será tristeza! Acho-lhe poucas rasões de viver alegre. »

— « Pois sim. Mas só tristeza?.. Vamos! Eu sei o que o amor é no principio. Estar só, abrir o seu coração sem que o vejam; respirar a dor, sem receio de que a ternura nos accuse. . . Chama-lhe tu pezar, que eu chamo-lhe paixão. Ai! ainda não nos atrevemos a confessar, e já nos faz saudade o tempo em que eramos livres como as avesinhas do ceu. . . »

— « Como tu fallas, Cecilia! E é verdade! Talvez sejam os dias mais felizes . .. Aconteceu-me assim. Queria vel-o, o meu desejo era ouvil-o, e tinha um susto se me apparecia, e causava-me tamanho sobresalto se me fallava!. . Era tanta a timidez, o enleio. . . No fim sabes quem diz tudo? O silencio. Muito creanças somos em amando! Até nos persuadimos de que os outros estão cegos. »

— « Finalmente » exclamou Cecilia em um repente gracioso. « Ainda bem que fallas como todas!.. Não te enfades; estou brincando. A mim succedeu-me o mesmo. A primeira vez desejei tomar-lhe odio. É verdade. Punha-lhe defeitos, impacientava-me... O meu gosto era que se fosse; e não sei a rasão, não podia tirar a vista delle... »

— « Sei eu, minha alegria! »

— « Não digas nada; esse teu rir... Má! olha fiquei vermelha. Se continuas tambem sei o o modo de te fazer corada! Deixa-me dizer. Como ia contando, vi-o na egreja, uma noite de endoenças; poz-se defronte de mim; e os seus olhos... Não te escandalisas? os olhos delle são mais bonitos do que os do conde; mais vivos, mais amantes... O certo é que não levantava os meus sem os encontrar. Deixei-os: abri o livro das orações; e assentei no proposito de não me lembrar senão de Deus... »

— « E dahi a um instante estavas a mil leguas do livro e das tuas orações? atalhou Catharina com malicia. »

— « Outra vez!? E se eu me callar? « replicou a educanda com um sorriso. « Mas acertaste! Os olhos não viam as lettras e viam-no a elle; o coração não estava com Deus; e apesar do firme proposito que tinha feito, distrahia-me a todos os instantes... »

— « É claro... Perdiaste na leitura? »

— « Como tu se fosses eu! Tentei levantar-me e sahir, os joelhos eram de chumbo! E não amava ainda, vês? Não; aquillo não sei o que era. Logo no primeiro dia! Mas o que ha de acontecer... »

— « Tem muita força! » interrompeu a noiva do conde rindo. « E toda a noite não fizeste senão pensar nelle, e batalhar com a lembrança? »

— « Ainda t'o não disse! »

— « Não importa. Disse-m'o este dedo. E depois?... »

— « Depois!... » respondeu Cecilia, corando, e atando-se-lhe a falla « se procurava o coração, achava-o tão longe de mim... »

— « Mas tão perto delle! » acudiu a noviça com ironia. « Percebo! »

— « Catharina, estás hoje!... » observou a irmã de Theresa muito vermelha » Não te devia dizer mais nada. Não é bonito. Se queres que falle, não te rias. E no fim é verdade, porque me hei de esconder? O meu coração estava com o delle! Vim a saber depois que lhe succedeu o mesmo. Mas sem querer, protesto que não, horas inteiras esquecia-me com a sua imagem. Em sonhos fallava-me, e eu não fugia! Foi uma prophecia que se realisou... Sabes o mais curioso? Nunca lhe tinha ouvido a voz, não o conhecia senão daquella noite; mas as meninas, conta a minha ama, que adivinham, sonhando... Ai Catharina, grande mysterio é o amor!... Parece que ha uma coisa, que não vemos, levando e trazendo saudades de um para o outro. Succedeu-te assim? »

— « Quasi! São passos que todas damos, querida. E quando lhe ouviste a voz?... »

— « Era igual á do sonho, sem nenhuma differença! »

— « E, sobresaltada, sentiste que o sangue parecia lume dentro do corpo; as côres, á roda de ti, avivaram-se como se o sol as illuminasse? » exclamou a sua amiga com uma faisca deslumbrante nos olhos.

— « Sim! Tudo isso foi! D'ahi, fiquei uma estatua, sem animo, nem movimento. O maior accusador da ternura, Catharina, é o enlevo... elle felizmente estava peior do que eu. Não era susto, nem pejo só, era alegria tambem! Sentiamos tanto que não podiamos dizel-o. »

— « Acredito! mas não era preciso. Queres vêr como adivinho? Elle entendeu... »

— « Ai, menina! è melhor do que se lho dissesse; mais eu. »

— « Olha, Cecilia, quando lembram, fazem uma saudade esses dias! »

— « E lembram tanto! » acudiu a educanda com ingenuidade « Vê a dôr que será perdermos

a alegria e a felicidade! Parece que a estou sentindo... O pensamento fugindo para o martyrio, e a memoria cada vez mais cruel abraçando-se com a pena, e fazendo da alma uma sombra cheia de lagrimas!... Se um dia fosse enganada, não resistia. »

— « Sabes que estás convertendo em dia de cinzas as vesperas do meu noivado? O agouro não é bom « acudiu a noviça com um meio sorriso. « Que é da tua alegria, Cecilia? »

— « Estas cousas são de tremer! Considerar que depois do amor podemos ser enganadas, e ficar infelizes, não o tornando a vêr! Suppor que se ha de arrancar do peito a sua imagem, e o coração com ella... »

— « Querida Cecilia, deixa-te de sustos... »

— « Morria! » proseguiu a educanda sem a ouvir.

— « Com a dôr tambem se vive, menina. O tempo tudo apaga... »

— « Não; isto não póde esquecer. A agonia dura mais ou menos, mas no fim estala-se do mesmo modo. »

— « Não digas nada. A ingratidão enchuga as lagrimas, e o ciume... »

— « O ciume?... Dize-me, Catharina, nunca tiveste zelos? » perguntou com os olhos accesos n'uma chamma repentina.

— « Minha joia, os ciumes são os espinhos do amor. Não ha paixão sem elles. Graças a Deus, o meu foi sempre sem motivo. »

— « E assim mesmo? »

— « Assusta-me! Que queres? »

— « Tambem a mim. Quando me occorre, que estando longe, outra me rouba um sorriso, ou que elle a desvanece com os mesmos olhos que me prometteram tanto... »

— « É fazeres-te infeliz por gosto. »

— « Deixa-me! Só de o imaginar aperta-se-me o peito, e tenho uma nuvem sobre o coração. Nem posso gemer. Estremeço; e se é dia parece que o sol desmaia, e que tudo fica triste como de noute. Sinto um frio, uma inquietação!... Catharina, de todos os tormentos o maior deve ser os zelos. »

— « Não o procures sem rasão! »

— « Até pareço outra! Nunca desejei mal a ninguem; e abrazo-me de repente em odio sem saber a quem... Tenho vergonha de te dizer as loucuras que me passam pela idéa! As lagrimas queimam; os suspiros ardem; é um desasocego, uma raiva! Meu Deus, que horror ha de ser o ciume verdadeiro. »

— « E não o aborrecias, não o detestavas, se te causasse esse martyrio? » perguntou Catharina olhando para ella com tristeza.

— « Não. Mesmo enganada... sei que o amava. Odio...? Antes a mim! A culpa de quem era se o perdesse? Eu é que o não tinha feito feliz como merece! Esquecel-o?... Não se vive assim de amor e não se diz depois que foi um sonho, tu bem sabes! Se a bocca não confessa, e os olhos somem as lagrimas, cuidas que é esquecimento? O coração tem tanta memoria! Deus, que nos vê, não o consola, porque sabe que não é possivel. »

— « Nada de tristezas! » acudiu a noviça precipitadamente. « Dize-me: sempre suspeitas que a magua de Theresa seja amor? »

— « Olha, ia jural-o. »

— « Paixão grande? »

— « Quem sabe! »

— « E dizes?.. »

— « Que estas coisas não se explicam. Menina, o seu ar distrahido, a sombra daquelles olhos cheios de melancolia, que umas vezes se arrasam de lagrimas, outras se enchem de luz... aquillo não é natural. »

— « Não sei. Por ora acho cedo para fallar. Percebes porque ella se esconde e gosta tanto de estar só? »

— « Tem medo que a percebam. »

— « Então, tristeza e solidão?... »

— « Signal certo de paixão! »

— « O que nos contará o padre Ventura? »

— « Nada; ou quasi nada. »

— « Julgas? »

— « Affirmo. A sua arte é ouvir muito e dizer pouco. Alguma pergunta assucarada, se a fizer! »

— « É discreto, Cecilia. »

— « Não duvido. Discreto de mais. Queres ouvir? Assusta-me. »

— « Mesmo depois do que elle fez? »

— « Sobre tudo depois do que elle fez. »

— « É uma semrasão! »

— « E quando amaste o conde sem o conhecer, tinhas rasão? »

— « É differente. Aquelle parece Jeronymo?... Não anda no jardim e não está olhando para a janella de Theresa? »

— « Assim ella tivesse animo de o desenganar! »

— « Não tem; eis o meu receio. »

— « Desengano-o eu! Sou quasi sua irmã, estimo-o, e não hei de callar-me, sabendo que se faz desgraçado. »

— « Cecilia!... E d'ahi!... Não sei o que é melhor. »

— « Jeronymo subiu? »

— « Não o vejo... »

— « Tenho tanta pena delle! »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

---

**POESIAS DE OTTONI.**

(Continuado de pag. 563.)

As reminiscencias do seu paiz, e as saudades de sua familia, a que aliás não se se resolvia a vir reunir-se emquanto não melhorava de fortuna, preoccupavam o seu espirito.

Os dois seguintes sonetos, que o poeta dirigiu de Lisboa a sua senhora, e a seus dois filhinhos, são o espelho de sua alma. O primeiro é uma bella imitação do soneto de Bocage — *Sonhei que nos meus braços reclinada*, — e está demais assasonado com a deliciosa suavidade da ternura paterna com que Bocage não podia embellecer as suas poesias. O segundo é tambem imitação da prosopopeia de Nasão, no seu livro dos *Tristes*.

> Parve (nec invideo) sine me liber ibis in Urbem
> ..........................................
> Longa via est, propera, nobis habitabitur orbis
> Ultimus, a terra terra remota mea.

É certo que o *Ponto Euxino* do nosso poeta era Lisboa, e o seu desterro até certo ponto voluntario; mas a melodia dos queixumes, a espera de que a sua Marilia se condoesse do ausente, semelham bem os sentimentos de Ovidio:

> Invenies aliquem, qui me suspirat ademptum
> Carmina nec siccis perlegat ista genis.

Eis os dois sonetos:

1.°

Sonhei, Marilia, que comtigo estava,
Que o tenro Honorio alegre me dizia:
Meu pae! Apenas este nome ouvia,
Suspenso nos meus braços o apertava;

Que a pequena Hedwiges reparava
No meu semblante; como que sorria:
Que os braços amorosa me estendia,
E que eu chorando as faces lhe beijava.

Antes, Marilia, o sonho não tivera!
Nos braços da saudade despertára,
Porém, dôr tão pungente não soffrera:

Sonhei, Marilia, o que antes não sonhára,
Pois passando de um gozo ao que não era,
Sem filhos, sem Marilia não me achára.

2.°

Marilia, mal formados caracteres
Apenas eu te envio; aos patrios lares
Uma cópia darás de meus pezares,
Um retrato de meus fieis deveres.

Vae, oh! carta feliz, não consideres
Que tens de atravessar soberbos mares!
E quando o paço de Marilia entrares,
Beija-lhe a mão formosa, se poderes.

De mim talvez Marilia se condôa...
Dize-lhe?! eu venho do formoso Téjo,
Dize-lhe... oh dôr!.. eu venho de Lisboa!

Quanto, oh carta feliz, quanto te invejo!..
Vae... arranca-lhe um ai maguado... Vôa
Nas brancas azas de um feliz desejo.

---

**(Continuação das Poesias Sacras.)**

Meu bom Jesus dos afflictos,
Nesse horror d'angustia forte,
Que atterra o impio, valei-me,
Na grande afflicção da morte.

Nesse momento de horror,
Quando a morte exprime acção
De remorso e confusão,
Que será de mim Senhor!
A eternidade, o temor,
Réu de innumeros delictos
No meu nada os olhos fitos,
Já sem luz... ah! quanto podes,
Ai de mim se não me acodes,
Meu bom Jesus dos afflictos!

Sobre o golphão da incerteza
Debil voz de horror nascida,
É mais opprobio da vida
Que expressão da natureza:
Miseria, pranto, fraqueza,
Coube aos humanos por sorte,
A illusão tomba com a morte,
Confessa o impio que ha Deus;
Que raio contra os atheus
Nesse horror d'angustia forte!

Que muito que eu por temor
Te annunciasse noite e dia,
Se o firmamento annuncia
A gloria do Creador.
Nas obras impio traidor,
No meu delicto engolphei-me
Cego, torpe, allucinei-me:
Que horror, oh Deus! que desmaio,
Suspendei, Senhor, o raio,
Que atterra o impio, valei-me.

Foi por mim, meu bom Jesus,
Que teu sangue derramastes,
Morrendo tu me salvastes
No patibulo da cruz:
Não me negues vêr a luz,
Por mais tempo que supporte,
O remorso ainda é mais forte
Dai-me, oh Deus! amor, ternura,
Nesse calix d'amargura,
Na grande afflicção da morte.

PADRE NOSSO.

Senhor, que és Nosso Pae, que és adorado
Nas alturas do ceu, teu nome seja
Igualmente por nós santificado
Na virtude, no amor, na paz da egreja.

As portas do teu reino franqueando,
Descobrindo o esplendor do eterno seio,
Gozaremos da luz, de ti gosando,
Nesse espaço de amor e gloria cheio.

O damno ou privação de nós desterra
Na extensão da espaçosa Eternidade...
Mas se o mandas, oh Deus!.. no ceu, na terra,
Só porque é tua, faça-se a vontade.

Despresando o superfluo, nós sómente
Te pedimos o pão de cada dia;
Se a esperança de amor diz o que sente,
Se a fé segundo as obras se avalia;

Perdoa-nos, Senhor, nós perdoamos
As offensas de nossos inimigos.
Não nos deixes caír, nós te invocamos;
Quem foge da occasião teme os perigos.

A nossa alma na voz do pranto erguida,
Espera, em premio de união fraterna,
Ir segura dos males desta vida
Gosar da redempção na vida eterna.

De Abraham no seio
Nossos gemidos
Foram ouvidos,
Ó Deus de amor!

A mão, que pede
Justiça no erro,
Nosso desterro
Cobriu de horror;

Mas o Increado,
Que tudo encerra,
Do ceu á terra
Manda o Senhor.

Este degredo
Tu bem conheces;
As nossas preces
Ouve, Senhor.

# NOTICIAS E COMMERCIO.

**Procissão.** — Desde 1832 que em Coimbra senão fazia a procissão da rainha S. Isabel. Damos o louvor a quem competir por se haver feito este anno e com a pompa devida. No dia 3 veio o andor para a igreja de Santa Cruz e no dia 4 foi em grande procissão reconduzida para o convento de Santa Clara em solemne e mui concorrido prestito. As auctoridades tomaram parte honrosa nesta ceremonia religiosa e historica.

**Roubo avultado.** — O *Observador* de Coimbra noticía que na Lixa a 2 do corrente roubaram a um brazileiro cerca de 50 mil cruzados: estão já presos 3 dos salteadores.

**Curso publico e gratuito de leitura e escripta repentina pelo methodo de A. F. de Castilho e de calygraphia pelo sr. D. Pedro Sebastiá e Vila.** — Este curso já annunciado em todos os periodicos de Lisboa e para o qual se continuavam a receber matriculas no palacio do Sarmento, rua dos Navegantes á Estrella, ha de-se abrir infallivalmente no dia 15 do corrente julho ao escurecer. São admittidas a frequental-o pessoas de qualquer sexo e idade, tendo por isso de se dividir a totalidade dos discipulos em tres turmas para policia moral e boa ordem no ensino, a saber homens, mulheres e creanças.

Admittem-se igualmente a presenciar os trabalhos quaesquer senhoras e cavalheiros.

Aos senhores professores e senhoras professoras de instrucção primaria bem como aos senhores directores e senhoras directoras de collegios se offerece e pede para comparecerem aos exercicios, a fim não só de poderem julgar estes novos methodos com conhecimento de causa, mas tambem de ajudarem com as suas luzes e conselhos o auctor, quando assim julguem conveniente.

Aos senhores chefes de estabelecimentos publicos ou particulares, taes como arsenaes, cordoaria, alfandegas, obras publicas, officinas, fabricas etc., assim como aos senhores commandantes de corpos militares e de navios do governo ou do commercio, roga-se concorram com a sua valiosa persuasão para que se approveitem do offerecido beneficio todos aquelles dos seus subalternos que delle se possam approveitar. Finalmente se espera que todos os senhores reverendos parochos das freguezias circumvisinhas ao logar da escóla, principalmente, se dignem de empregar a ungida persuasão da palavra de Deus para moverem as ovelhas que a Providencia lhes confiou a accudirem — precisando — a este pasto abundante, agradavel e tambem espiritual, como já com admiravel e edificativa efficacia o estão fazendo os reverendos senhores priores de Santa Isabel e da Lapa.

*N. B.* Este curso durará até que a maioria saiba lêr e escrever; concluido elle não será repetido.

Os alumnos que não forem assiduos na frequencia, e os que perturbarem a seriedade e a attenção das lições serão inevitavelmente excluidos.

**Real theatro italiano de Madrid.** — Diz-se que a proxima estação theatral terá principio em 2 de outubro com a *Beatriz de Tenda*, cantada pela Novello, Colletti e Cuzzani; seguir-se-ha a opera *I due Foscari* para estreia do tenor Roppa; e nesse mesmo mez irá á scena a *Semiramis* que ha muitos annos se não executa em Madrid; entrará nella a cantora Angri, contralto, que tem fama de rivalisar na voz com a Alboni. Quanto a dramas de grande espectaculo, dos que se representam na Grand-Opera de Paris parece que se trata unicamente de *Roberto*

*do Diabo*, que é das poucas do repertorio francez que podem ser bem acolhidas em Madrid.

**Carruagens publicas.** — Parece que Lisboa deixará de ser como está sendo neste genero a ultima cidade da Europa. Estão-se acabando, para ainda neste mez se empregarem no serviço publico, os quatro primeiros *cabets*, de uma companhia que fará a obra meritoria de acabar com a sege de aluguer, ultima perfeição do incommodo, do perigo, e do absurdo. Sempre esperamos que a companhia dos omnibus nos fizesse este serviço; não o fez, paciencia. Os novos *cabets* são feitos na acreditada officina do sr. Nunes, e são como as mais aceiados de Londres: serão puxadas por dois cavallos, e governados na almofada. A companhia emprehendedora merece os mais sinceros e verdadeiros louvores. Deve por todos ser auxiliada e recommendada, para acabar com a vergonha publica das seges, e do mau serviço que prestam. É mister que a camara municipal tambem concorra nesta obra meritoria, impondo ás seges o direito municipal, duplo, triplo, ou mais ainda do que pagar cada *cabet*. Sem este meio ou uma grande fogueira não acaba este grande escandalo da viação publica pago irregular e arbitrariamente. Esperamos que a companhia fará uma tabella de preços por tempo, ou por distancias, e que a fará observar com o mais escrupuloso rigor, não perdoando neste ponto nem a mais leve falta aos empregados no seu serviço. Nós da parte da municipalidade queremos mulctas fortes ou prisão rigorosa para a mais pequena falta na observancia dos seus regulamentos para alugueis de seges na praça, os quaes deve reformar e pôr em pratica com o mais fiel escrupulo. Em todas as cidades da Europa este assumpto importante se regula sem a criminosa anarchia que se observa em Lisboa.

**Obra sobre a Italia que esteve para ficar incompleta.** — Mr. Thiers correu o perigo de morrer afogado, desembarcando do *Telemaque* em Genova; felizmente póde agarrar-se ao seu criado; e perdendo tambem este o equilibrio cahiu ao mar, donde o pescaram os homens da equipagem valendo-se de cabos. O celebre historiador em breve partia para a Suissa, e passados os mezes do verão voltaria a Florença para terminar um trabalho sobre o renascimento da civilisação na Italia. Vae mandar gravar para esta obra perto de sessenta estatuas e quadros que fez daguerreotypar em Roma, Florença e Napoles.

**Antiguidades gregas.** — Por uma carta lida na academia de inscripções e bellas-lettras de Paris consta que Mr. Beulé, membro da eschola franceza de Athenas, descobriu a verdadeira entrada da cidadella atheniense, que debalde havia sido procurada até o presente. Foi preciso descer 30 pés abaixo do actual nivel do chão, desfazer sete muralhas sobrepostas no decurso dos seculos e enterradas nas ruinas. Em 28 de maio ultimo appareceu de novo á luz do dia, depois de tão longo lapso de tempo, a escadaria de marmore que conduzia aos Propyleus. Mr. Beulé descobriu tambem a cerca da cidadella, admiravelmente conservada em toda a sua altura, construida de cantaria e de marmore pentelico em a mais bella epocha da arte.

**Telegraphia.** — O cavalheiro Bonelli terminou um projecto de linha telegraphica nos estados sardos desde a capital, Turin, até Chambery, que o é de Saboya, mediante o qual se receberiam noticias de Paris em Turin 36 horas mais cedo do que pelo systema actual.

**Praças estrangeiras.** — *Londres*. Os fundos inglezes conservavam-se firmes no preço: no dia 6 os consolidados abriram a 100 $\frac{1}{4}$, e havendo alternativamente compras e vendas assim se conservaram por todo o tempo da praça.

Nos fundos estrangeiros havia pouca alteração: as transacções effectuaram-se, segundo a lista official, nos do Brazil a 101, de Buenos-Ayres a 78 $\frac{1}{2}$, os 4 $\frac{1}{2}$ por cento russianos a 102 $\frac{3}{4}$ sem dividendo, os tres por cento hespanhoes a 48 $\frac{3}{4}$ e 49; os quatro por cento portuguezes a 38 $\frac{3}{4}$.

O mercado do trigo estava paralisado, para se effectuarem algumas vendas foi preciso a baixa de um schelling.

As ultimas noticias do estado do commercio nas provincias indicam diminuição de actividade nos seus varios ramos, o que é devido aos preparativos para as eleições geraes do parlamento: comtudo, os preços mantem se firmes, e as indicações futuras são satisfactorias. Em Manchester o mercado tem estado pouco animado, mas abundante: no de Birmingham o numero de ordens tem sido menor que de ordinario, mas não tem esfriado as esperanças de vantajoso movimento ainda neste verão. Nas fazendas de linho irlandezas tem havido pouca alteração, sendo moderadas as transacções e permanentes os preços.

Diziam de Glasgow que se effectuaram muitas especulações com o ferro de fundição escoceza, e os preços subiram de um modo sensivel; as compras se fizeram pela maior parte, a 3 e 4 mezes, a preço de 44 a 45 schellings por *ton*.

*Bolsa de Paris*: 4 de julho: fechou com os seguintes preços; os quatro e meio por cento 102 fr. 65 cent., os tres por cento 71 fr. 45 cent.: acções do banco de França 2:742 fr. 50 cent.

*Bruxellas* 5 de julho. Fundos de 5 por cento 100 $\frac{1}{4}$; de 4 $\frac{1}{2}$ de 1844 a 95 $\frac{5}{8}$: ditos de 1836 a 86 $\frac{3}{4}$: acções do banco nacional 1580 fr., do banco da Belgica a 75 $\frac{3}{8}$, ditas da emissão de 1841 a 105 $\frac{5}{8}$.

*Bolsa de Madrid* 6 de julho. Neste dia como em o precedente não se realisaram operações de fundos publicos, que estavam quotados pelos seguintes preços: tres por cento consolidados sem coupon a 44 $\frac{7}{8}$, tres por cento diferidos a 22, acções do banco de S. Fernando a 105.

## BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim*.

Publicou-se a 18.ª folha do tomo 3.° e contém: *Historia prophana*. — Italia, historia romana, a lei das doze taboas, creação dos decemviros.

Vende-se a 20 rs. a folha na rua Augusta n.os 1 e 8; e a 300 rs. por volume. nos principaes livreiros de Lisboa, Porto, e Evora.